

# Diretor diz que hospital morre aos poucos

A reforma da Diálise será executada com verbas da União destinadas a investimentos. Os R\$ 2,5 milhões liberados não podem ser dedicados ao pagamento de pessoal — a maior dificuldade do HUB, segundo o diretor administrativo Elias Tavares de Araújo. Portanto, apesar das obras, o hospital continua sem recursos para cobrir todas as suas despesas do mês. “Não sobrou dinheiro, a Caesb dançou”, disse, referindo-se a dívida de quase R\$ 1 milhão que a instituição mantém com a Caesb e com a CEB.

O débito surgiu em outubro

de 1997, dois meses depois de o Governo do Distrito Federal mudar a política de distribuição das verbas do Sistema Único de Saúde (SUS). Um corte, aproximado de R\$ 200 mil, reduziu a cota do HUB para cerca de R\$ 960,00. “Quase a metade desse valor acaba sendo gasto com funcionários”, explica Elias. A outra metade é dedicada a medicamentos, material hospitalar e outros gastos de manutenção. “Na hora de escolher, resolvemos deixar de pagar a luz e a água por que achamos que seria mais fácil negociar com o GDF”, comenta.

O HUB tem 1737 funcionários. Deles, 658 são pagos com recursos do hospital — o que consome metade do faturamento da casa —, 616 são pagos com recursos do Ministério da Saúde — ex-funcionários do Inamps, que administrou a instituição até 1990 — e outros 463 são mantidos pelos recursos de pessoal da UnB e do Ministério de Educação e Cultura.

De acordo com Elias, nos últimos oito anos, o número de leitos aumentou de 260 para 295. Entre 1994 e 1998, a média de internações cresceu de 550 para 1061. Há 4 anos, eram fei-

tas 18 mil consultas e 20 mil exames por mês. Hoje, esses números sobem para 28 mil consultas e 36 mil exames.

A partir de todos esses dados, o diretor argumenta a importância de se aumentar o quadro de pessoal, com recursos exclusivamente federais. “Se todos os nossos funcionários fossem pagos pela União, assim como acontece na Fundação, não estaríamos enfrentando esses problemas”, argumenta. O obstáculo para elevar o número de empregados está na impossibilidade do MEC, UnB e Ministério da

Saúde contratarem funcionários para o HUB e na falta de recursos do próprio hospital. “Esse é o nosso impasse. Espero uma solução desde que assumi a direção, em 1994, mas às vezes tenho a sensação que estamos morrendo aos pouquinhos”, desabafa o diretor.

Elias lembra ainda que o projeto original de reformas no HUB, feito pela faculdade de Arquitetura da UnB, foi orçado em R\$ 26 milhões. “Estamos fazendo uma pequena parte daquilo que realmente é necessário”, diz. (M.M.)